

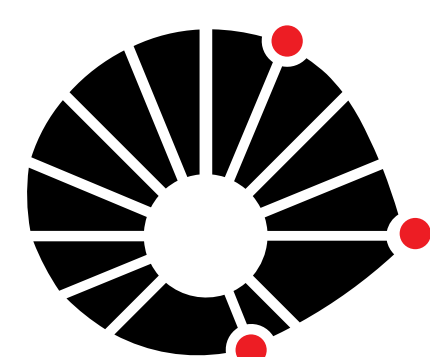
# A SALA “ARTE POSTAL” NA 16ª EDIÇÃO DA BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO

**Bolsista:** Carolina Tiemi Odashima (chi.odashima@gmail.com) / **Orientadora:** Prof.a Dr.a Maria de Fátima Morethy Couto

DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS – INSTITUTO DE ARTES

PIBIC/CNPq – PRP UNICAMP

Arte postal – Bienal Internacional de São Paulo – Crítica de arte – História da arte



UNICAMP

## Introdução

Este projeto de pesquisa objetivou mapear e analisar a sala dedicada à arte postal apresentada na 16ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, realizada de 16 de outubro a 20 de dezembro de 1981 no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, antigo Pavilhão Armando Arruda Pereira, do Parque Ibirapuera em São Paulo.

A sala idealizada pelo curador geral daquela Bienal, Walter Zanini, ficou sob responsabilidade de Julio Plaza e Gabriela Suzana e abrigou trabalhos de diversas mídias – desenho, fotografia, colagem, vídeo, etc. – enviados por artistas do mundo inteiro, dos quais alguns representantes da produção visual nacional, como Paulo Bruscky, Regina Silveira, Artur Barrio e os integrantes do Grupo 3Nós3, Rafael França, Mário Ramiro e Hudinilson Jr.

Para a realização deste trabalho fiz uso de documentos de época, tais como os catálogos da exposição, artigos de jornais, textos críticos e correspondências, a partir dos quais pude fazer um levantamento de artistas participantes, bem como o estudo da recepção crítica na época, repercussão alcançada, entre outros aspectos e questionamentos relacionados ao tema.

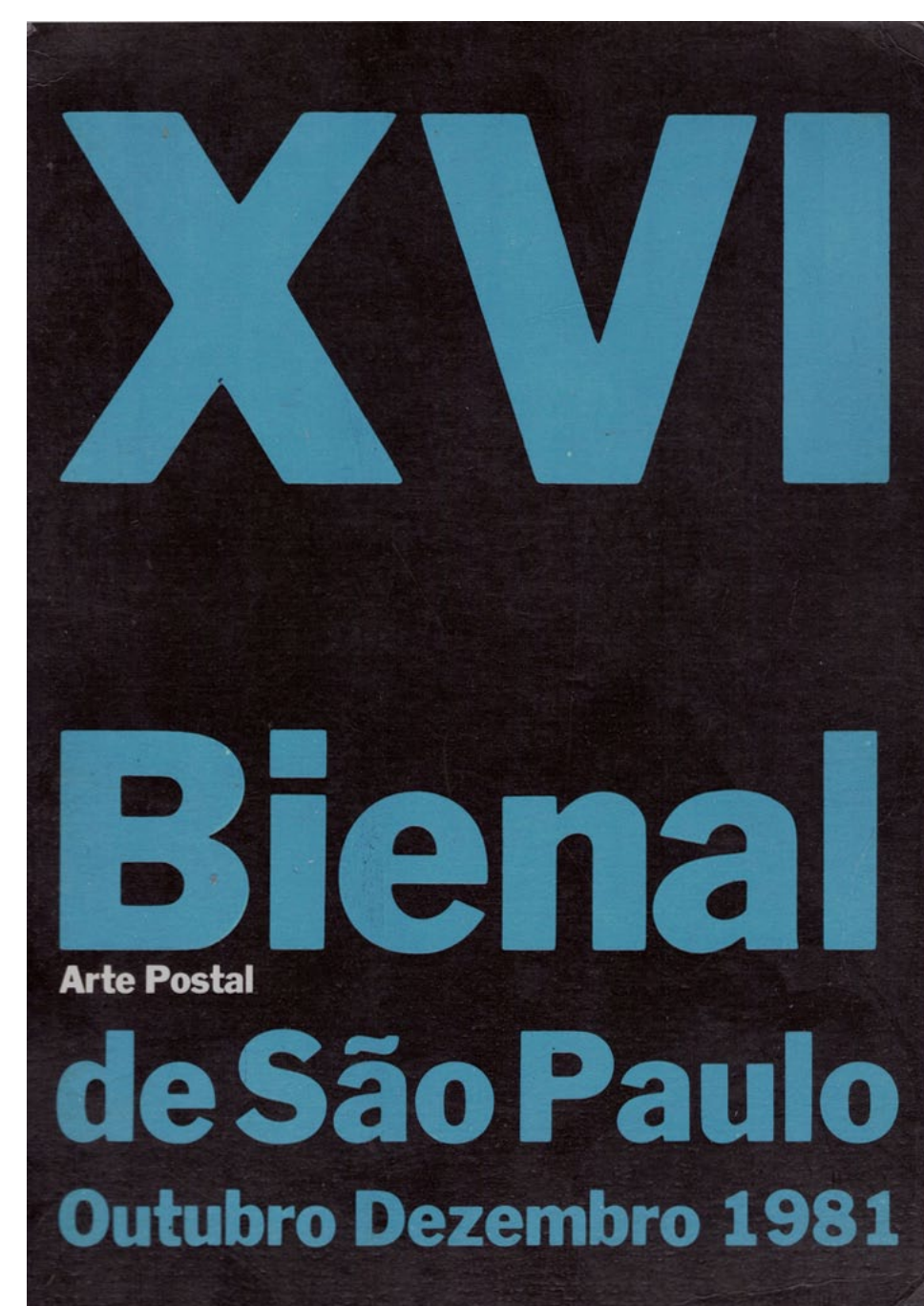


Figura 1: capa do volume referente à exposição de arte postal, catálogo da 16ª Bienal Internacional de São Paulo.

## Metodologia

Ao longo desta pesquisa empenhei-me no estudo dos três volumes do catálogo da 16ª Bienal Internacional de São Paulo (figura 1), dando ênfase ao volume referente à sala “Arte Postal” e ao catálogo geral da mostra, além da realização de leituras paralelas ao tema da pesquisa, tanto de compilações de textos críticos de época como de abordagens à arte conceitual brasileira das décadas de 60 e 70 e seu conseqüente processo de inserção nos acervos de instituições artísticas, intensificado ao longo dos anos 80, a exemplo desta sala da Bienal.

Realizei visitas ao Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo/ FBSP, fonte de parte significativa do material a partir do qual desenvolvi minha pesquisa e onde tive acesso a documentos de época tais como fotografias, convites, correspondências e uma grande quantidade de artigos nacionais e internacionais. Em meio ao material analisado selecionei críticas e dados em menção à sala, alguns artigos gerais sobre arte postal no período, além de informações gerais daquela Bienal que me possibilitaram compreender seu funcionamento e projeto de curadoria.

Também visitei a exposição “A arte postal da XVI Bienal Internacional de São Paulo” promovida pela Divisão de Acervo, Documentação e Conservação/ DADoC que integra o Núcleo de Arte Postal do Centro Cultural São Paulo/CCSP. Núcleo este criado para abrigar todo o material submetido à proposta de arte postal da 16ª Bienal doado por Walter Zanini e Roberto Muylaert (presidente da FBSP na época) ao CCSP, que engloba trabalhos e documentos, somando, aproximadamente, quatro mil itens de 434 artistas.

Foi também de extrema importância em relação ao processo pós-doação do material de arte postal para o CCSP a leitura da tese de doutorado “Conservação e Restauro de Obras com valor de contemporaneidade – A Arte Postal da XVI Bienal de São Paulo”, redigida por Ísis Baldini, diretora do DADoC com quem pude conversar sobre o assunto em visita ao Laboratório de Conservação e Restauro de Papéis do Centro Cultural.

A partir deste estudo foi redigido um texto de abordagem histórica e crítica da sala de arte postal acompanhado por uma breve apresentação do contexto das Bienais de São Paulo, aspectos gerais da 16ª edição na qual estava inserida, além da posterior transformação do material recebido e exposto em acervo de arte postal do CCSP.

## Resultados e discussão

Bricolagem semântica, a arte postal caracteriza-se por seu valor subversivo, político, marginal, democratizante, pela lógica do quantitativismo, da efemeridade e da transitoriedade. A legitimação dessa mídia circulante, no sentido historiográfico ou mesmo documental, constitui-se simultaneamente em processo irreversível e também inestimável. Sua institucionalização dada pela sua incorporação aos acervos de museus, galerias e centros culturais, além de sua exposição nesses espaços, configura-se como procedimento provocador à própria instituição; a arte postal dentro do museu parece forçar a transformação deste em um único e grandioso espaço expositivo constituído pela união de reserva técnica, arquivo histórico e caixa postal.

De maneira geral, a sala dedicada à proposta de arte postal nesta edição da Bienal de São Paulo foi recebida negativamente por aqueles que julgaram limitantes ou errôneos seus critérios museográficos e formato que pareciam ignorar os processos da arte postal em relação ao seu resultado, quando esta mídia não se importa com o destino nem permanência de seus produtos. Por outro lado, pode-se entender a sugestão defendida por Aracy como uma visão fragmentária, tendo em vista que não há pretextos que justifiquem acompanhar o processo da arte postal em todos seus “estágios” – sendo essa prática impossível – que não um vão didatismo.

A escolha da curadoria por dispor todos os trabalhos enviados em um formato mais “tradicional” de apresentação – mesmo na sua execução tosca, quando a equipe decide por grampear os trabalhos diretamente nas paredes – fez com que a mostra ficasse demasiadamente longa, tornando praticamente impossível aos visitantes presenciar todo o conteúdo da sala, outro fator que provocou incômodo ao público e crítica. Muito embora para o artista participante, o colombiano Jonier Marin, “[aquela] arte apresentada em conjunto causa impacto e, paradoxalmente, se sua apresentação simboliza vitalidade, quer dizer também morte, por ter chegado ao museu”, para ele, a arte postal “interessa porque incomoda e questiona o resto da Bienal”.<sup>1</sup>

## Considerações finais

A partir das abordagens apresentadas, compreende-se que por suas qualidades conflitantes e multifacetadas a arte postal provoca na sua exposição e incorporação aos acervos museográficos, o surgimento constante de dúvidas, questionamentos, polêmicas e reflexões, “[interrogando] a própria instituição e as convenções que regem seus critérios de valor”.<sup>2</sup>

Como escreveu Sheila Leirner, “lidar com a arte postal deve implicar, antes de tudo, na compreensão de sua essência”, no respeito e obediência aos seus próprios princípios “cujas ambigüidades provocam conflito e contradição em qualquer aproximação museológica”.<sup>3</sup>

Deve-se, no entanto, atentar para o papel inquestionável do museu quanto a preservação desse patrimônio cultural. A isso é possível somar a constante construção/reconstrução histórica e semântica de um passado que se estabelece a partir do presente, através do exercício de um “olhar inquisidor sobre as representações que fundamentam suas práticas, procurando identificar os vetores que orientam tanto o lembrar como também o esquecer”.<sup>4</sup>

O maior ganho na realização da sala de arte postal foi, certamente, a geração de longos debates que se mantêm vivos ainda hoje, o que não seria possível sem a criação do acervo de arte postal do CCSP, pois essa mídia faz sua história, significação e crítica ao sistema das artes por sua própria existência. Nas palavras do artista pernambucano Paulo Bruscky, “na Arte Correspondência, o museu cede lugar aos arquivos e as caixas postais. [...] A Arte Correio é como história da história não escrita. Hoje, a arte é este comunicado”.<sup>5</sup>

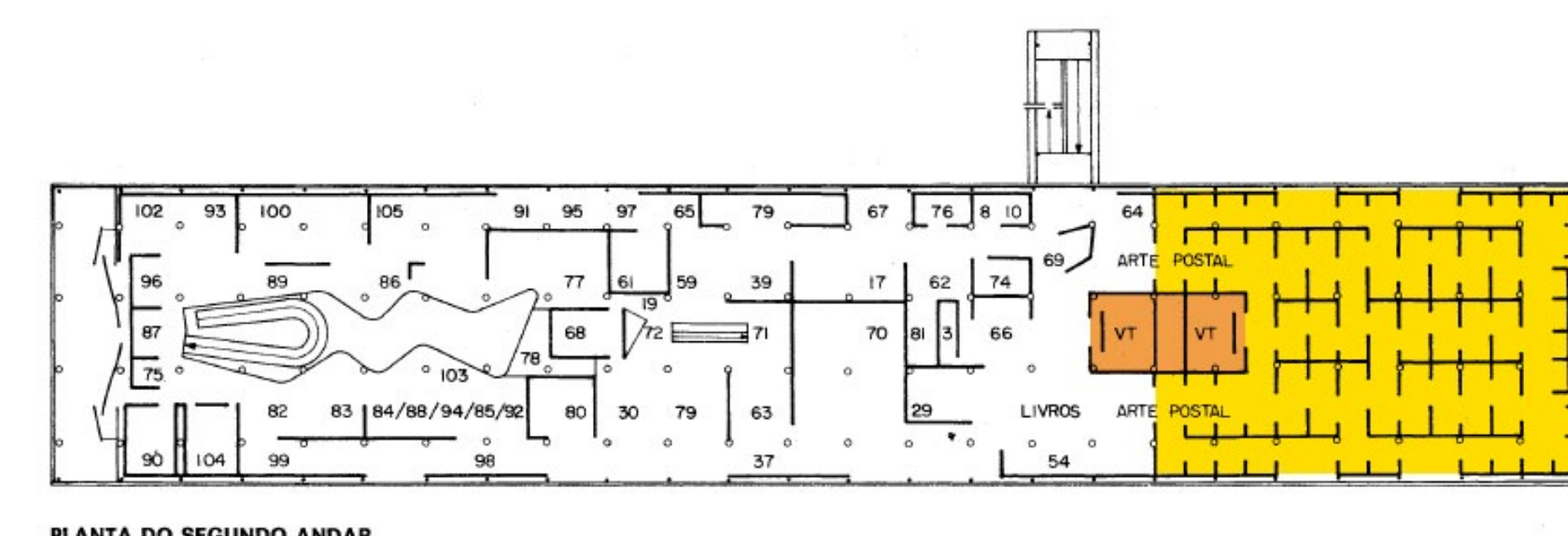
<sup>1</sup> Uma arte que incomoda, Folha de São Paulo, 1 nov. 1981.

<sup>2</sup> LEIRNER, Sheila. Arte postal enquanto acervo. In: Arte e seu tempo. São Paulo: Perspectiva, 1991. p.183.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 184.

<sup>4</sup> FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: Arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminuras, 1999. p.169.

<sup>5</sup> BRUSCKY, Paulo. Arte Correio e a grande rede: hoje a arte é este comunicado. In: Escritos de artistas: anos 60/70. FERREIRA, Gloria; COTRIM, Cecilia (org.). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009, p.379.



PLANTA DO SEGUNDO ANDAR

Figura 2: planta do segundo andar do Pavilhão Armando Arruda Pereira e a sala de arte postal indicada em amarelo e em laranja.



Figura 2: reprodução em preto e branco de um dos trabalhos enviado pelo Grupo 3Nós3 retirada do volume II do catálogo da 16ª Bienal.

USE 3NÓSE 3NÓSE 3NÓSE 3